

A geração Lula*



Se um marciano chegasse à Terra para analisar as últimas sucessões presidenciais americana e brasileira, chegaria a conclusões curiosas. Os EUA estariam num regime de baixa mobilidade ocupacional, onde a Presidência é passada de pai para filho no decurso de alguns anos, uma quase monarquia, diria o alienígena. Ao passo que a trajetória de Lula seria considerada o milagre da ascensão social na terra da desigualdade.

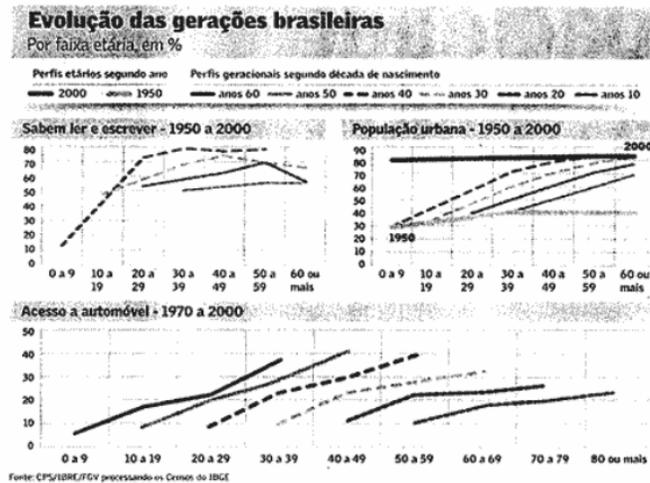
Para entendermos o salto dado pelo filho de analfabetos, que sai da pobre Garanhuns para atingir o ápice profissional brasileiro, é preciso captar o contexto do país e a história da geração de Lula, um "baby boomer" de primeira-hora, nascido em 1945. Desconheço que se fizessemos uma Enquete com economistas de diferentes linhas, fossem eles marxistas, keynesianos ou liberais, seriam eleitas como principais as seguintes transformações: urbanização, industrialização e escolarização. Fazemos aqui a leitura das trajetórias desses processos ao longo das vidas de diferentes gerações de brasileiros.

Urbanização — A análise temporal de uma dada variável pode ser feita de várias formas, comparando aqueles com 50 a 59 anos em 2000 e em 1950, como nas linhas quase horizontais do primeiro gráfico. A

comparação pode ser feita até mesmo a partir de um único corte transversal de dados. Tipicamente simulamos estaticamente a trajetória de uma dada variável ao longo do ciclo da vida. Exploramos uma visão alternativa que é a de refazer a trajetória de uma mesma geração ao longo dos diferentes anos. Os dados de corte são substituídos de dados longitudinais, que acompanham os mesmos indivíduos ao longo do tempo. Os dados se referem à média de um conjunto de indivíduos com conjunto idêntico de características. Explicitamos a trajetória da vida de um dado grupo conectando os dados de um grupo com a mesma década de nascimento, buscando ao longo dos anos a respectiva faixa etária.

No caso da geração de Lula, que nasceu nos anos 40, em 1970 tinha 20 a 29 anos de idade e, portanto, chegou em 2000 como cinquentão. Conforme o gráfico ilustra, a trajetória dessa geração representa bem a da taxa de urbanização brasileira, de 29%, em 1950, para 82% em 2000. O mesmo gráfico apresenta a trajetória das gerações nascidas nas décadas seguintes.

Alfabetização — Se desejarmos captar a evolução da pobreza como insuficiência de um mínimo de cidadania, a variável disponível nos Censos antigos mais relevante é a taxa de alfabetização. O próprio direito de voto e acesso ao mercado eleitoral esteve condicionado à alfabetização durante um bom tempo. A alfabetização representa o primeiro passo da jornada de acúmulo de escolaridade, o que os estudiosos de crescimento hoje reputam como a principal determinante do crescimento econômico. A taxa de alfabetização de



quem tinha entre 50 a 59 anos em 2000 era 78,32%, contra 72,58% observado para a mesma geração em 1970. Iniciativas como o Mobral podem ter contribuído para o aumento da taxa de alfabetização entre adultos no período. Esse ponto é relevante face ao novo movimento de alfabetização de adultos lançado pelo governo.

A taxa de alfabetização da área rural em 2000 (60,3%) é ainda inferior àquela observada nas áreas urbanas em 1950 (67,9%). A análise da escolarização por gênero é testemunha viva da maior igualdade dos sexos conquistada nos últimos 50 anos. A taxa de alfabetização masculina de

2000 é 75,4%, contra 76,9% da feminina, invertendo a desigualdade de gênero antes observada. Em 1950, a taxa de alfabetização eram 38,5% (homens) e 33,1% (mulheres). Cabe ressaltar que a geração na faixa de 50 a 59 anos em 2000 é semelhante à do período em que em que a alfabetização dos homens (80,1%) era maior do que a das mulheres (76,7%).

Automóvel — A industrialização seria a principal força motriz do processo de migração para as cidades e, ao mesmo tempo, o principal destino do capital humano acumulado. O advento da indústria automobilística é emblemática não só do au-

mento de produtividade obtido a partir da industrialização, como da entrada em vigor de um novo estilo de consumo e de trabalho no começo do século XX, tal como celebrado em "Tempos Modernos", de Charles Chaplin. No Brasil a indústria automobilística chegou com meio século de atraso, durante o mandato do presidente Juscelino Kubitschek, que prometia recuperar o atraso a taxa de 50 anos em 5. Num certo sentido, Lula que comandou a grande greve dos metalúrgicos no final dos anos 70, é filho dessa mudança. O acesso ao automóvel na geração que tinha entre 50 e 59 anos em 2000 atinge 38,8%, contra 8,8% da mesma geração, que tinha 20 e 29 anos em 1970. Este crescimento é mais forte na gerações dos jovens dos anos 70 do que das gerações mais velhas, como a menor inclinação das curvas posteriores indicam.

Mal comparando, na análise do perfil etário tiramos retratos de diferentes gerações em anos diferentes, na análise de corte combinamos esses mesmos retratos de forma a traçar o filme da vida de cada geração. Nas cenas tiradas da geração de Lula vimos uma crescente migração para as cidades e o engajamento no consumo (e produção) de bens industriais. Já o progresso educacional se deu entre gerações.

Marcelo Côrtes Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais do IBRE/FGV e professor da EPGE/FGV, é autor de "Retratos da deficiência no Brasil".
E-mail: mcneri@fgv.br

* Este artigo é uma síntese do trabalho feito para o Fórum Nacional do Inae de 1004, intitulado "Cinco Décadas de Questão Social no Brasil: 1950/2000"